REFERENCIAL
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 31 / ABRIL A JUNHO 93 / ANO 9

EDITORIAL

No último número do Boletim, deixámos uma nota sentida sobre a cruel razia que o princípio de 1993 fizera na cultura portuguesa, ceifando sucessivamente figuras que aliaram a sua criatividade nos mais variados campos da ciência, da expressão e do pensamento, ao empenhamento nos valores que o 25 de Abril consubstancia. Foram percursores da democracia na luta pela sua conquista e seus inconformados defensores na busca do seu aperfeiçoamento.

Mas a morte, implacável, prosseguiu o seu trajecto. Depois do Carlos Pinhão e do Sam, do Rogério Paulo e do Manuel da Fonseca, de Natália Correia e de António José Saraiva, a que então prestáramos homenagem, depois ainda de Ferreira Alves, Piteira Santos, A. Garibaldi, Salgueiro Maia e Manuel Ferreira, desaparecidos em 1992, a cultura portuguesa continuou a ser atingida nas suas fileiras com o desaparecimento de figuras de quem era legítimo continuar a muito esperar do seu talento criador.

Entre Abril e Junho, Rui

(Continua na pág. 20)

SUMÁRIO

Editorial	1
Testemunhos	3
Documentos do Nosso Tempo	4
Opinião	5 e 6
Ler Ver e Ouvir	7
Das Delegações e Núcleos	8 e 9
Cartoon V.S.	10 e 11
Mosaico	12 e 13
25 de Abril: Ano XIX	14, 15 e 16
Vida Associativa	17 e 18
Desporto e Recreio	19

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47
2795 Linda-a-Velha

DIRECÇÃO:
Pedro Pezarat Correia

IMPRESSÃO:
Tip.-Escola ADFA
Rua Artilharia Um
Telef. 65 35 93
1000 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:
4000 exemplares

ENDEREÇOS:
Associação 25 de Abril
Rua Luís de Camões, 47 • Tel. 4198105 • Fax 4198130
2795 Linda-a-Velha
DELEGAÇÃO DO NORTE
Apartado 4678
4012 PORTO
DELEGAÇÃO DO CENTRO
Apartado 3041
3000 COIMBRA
NÚCLEO DO ALENTEJO
Rua Bernardo Santareno, nº 2
Bairro das Nogueiras
7000 ÉVORA
NÚCLEO DO ALGARVE
Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º
8000 FARO
NÚCLEO DE CASTELO BRANCO
Bairro Buenos Aires, 47
6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

COMEMORAÇÕES DO XX ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Conforme já foi divulgado, desde Março que se encontra em funcionamento, ao nível da Direcção, um núcleo encarregado de preparar as comemorações a organizar pela Associação no próximo ano.

Assim, encontra-se delineado um programa de intenções que, em princípio, se desenvolverá de Março a Outubro e no qual se encontram englobadas múltiplas actividades cobrindo campos diversificados.

Dentro desse esquema prevêem-se as seguintes realizações, fundamentalmente de carácter cultural:

a) – Literatura
- Festival de Teatro
- Concurso Literário da Associação 25 de Abril
- História do 25 de Abril, em banda desenhada

b) – Música
- Concerto de Música Clássica
- Concerto conjunto das Bandas Militares dos 3 Ramos das Forças Armadas
- Festival da Canção de Intervenção
- Sarau de Variedades, com representações de Portugal, Brasil, PALOP's, Timor e Macau
- Concerto "Rock 25A"

c) – Artes Gráficas
- Cartaz e autocolante comemorativos
- Agenda Cronológica do 25 de Abril

d) – Pintura, Escultura e Medalhística
- Exposição de pintura e escultura posterior ao 25 de Abril
- Medalha comemorativa
- Exposição de medalhas alusivas ao 25 de Abril

e) – Audiovisual
- Vídeo destinado ao Itinerário Histórico do 25 de Abril em Lisboa
- Documentário "Do 28 de Maio à Constituição de 1976"

f) – Desporto
- Corrida da Liberdade
- Sarau de Ginástica
- Prova de Cicloturismo

g) – Colóquios / Debates
- Ciclo "A Descolonização"
- Ciclo "20 Anos Depois"

g) – Diversos
- Sessões solenes de abertura e de encerramento das comemorações
- Itinerário Histórico do 25 de Abril em Lisboa
- Reconstituição do Posto de Comando, na Pontinha
- Arraial popular
- Emissão de um selo comemorativo
- Almoço de confraternização dos elementos que constituiram:
  - Comissão Coordenadora do Movimento
  - Equipa de Comando das operações
  - 1.ª Junta de Salvação Nacional
  - 2.ª Junta de Salvação Nacional
  - Conselho da Revolução

Como se pode verificar, trata-se de um programa (por enquanto apenas de intenções) extremamente ambicioso que ultrapassa em muito a capacidade financeira da Associação.

Mas, porque se entende que as comemorações devem ter um carácter de dignidade e grandeza compatível com a importância da data a celebrar, foram já estabelecidos contactos com diversas entidades no sentido de se obter apoio para a concretização do programa.

O acolhimento às nossas pretensões tem sido amplamente favorável, havendo já garantias de colaboração por parte da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Oriente, da Caixa Geral de Depósitos, do Montepio Geral, da Câmara Municipal de Lisboa e da Sociedade Lisboa Capital da Cultura 94. E espera-se obter ainda novos apoios.

Todavia, e mesmo que todos os apoios se concretizem, é absolutamente indispensável a colaboração empenhada de todos os Associados, em especial daqueles que vierem a integrar as diversas sub-comissões a criar para cada assunto.

Só com o empenhamento global da A25A será possível tornar realidade as nossas intenções. E porque o 25 de Abril tudo merece, aqui fica o nosso apelo veemente aos Sócios e Apoiantes da Associação para que, com entusiasmo e dedicação, colaborem activamente na organização das comemorações do 20.º aniversário do 25 de Abril. Contamos com todos!

Nuno Fisher Lopes Pires

Na Capa – Desfile Popular 25 Abril 93
Fotografia do nosso associado Paixão Esteves

O BISTURI

A ocupação pela União Indiana, em 1954, dos enclaves de Dadrá e Nagar-Aveli, administrativamente integrados no Estado Português da Índia, levou à apressada mobilização de forças expedicionárias para o reforço das guarnições militares de Goa, Damão e Diu.

Com as unidades constituídas embarcava uma amálgama de militares isolados, muitos deles voluntários, produto de um recrutamento heterogéneo e com destinos nem sempre evidentes.

Num dos navios transporte de tropas, onde seguia um batalhão completo, entre os muitos militares desenquadrados destacava-se um capitão miliciano que na altura constituía uma figura lendária, no seio dum exército carente de memória recente de campanhas e onde rareavam os heróis vivos. Muito jovem oferecera-se para a guerra de Espanha, integrado nos "Viriatos" (evidentemente), onde se celebrizara como "caçador de carros". Dizia-se que aperfeiçoara uma técnica pessoal, aproveitando uma das vulnerabilidades dos carros - reduzido campo de visão para o exterior - mantendo-se escondido até à sua aproximação, por forma a poder saltar-lhe para a blindagem e introduzir pela abertura da torre uma granada de mão que rebentava no interior. Com o fim da Guerra de Espanha fora integrado, como oficial miliciano, no exército português, e a verdade é que ostentava no peito várias filas de condecorações, entre as quais as espanholas de maior valor. Constava que nunca fora admitido no quadro permanente, apenas por não ter completado o curso liceal. Casara-se entretanto com uma filha do presidente de um dos seis grupos financeiros que então dominavam a vida económica portuguesa. Conquistara assim um currículo que lhe dava acesso às figuras notáveis do regime.

Nas longas tardes e noites que era preciso preencher a bordo, o nosso capitão tornara-se numa figura central. O seu ar de cavalheiro britânico, as histórias da sua experiência mais ou menos enriquecidas com as fantasias da sua imaginação, a sua capacidade comunicativa e um populismo facilitado por não ir investido de responsabilidades de comando, conquistou rapidamente a simpatia e a curiosidade das plateias que o rodeavam, principalmente dos jovens alferes em início de carreira, que pensavam ir começar as suas vidas militares em situação de campanha, onde iriam reviver muitos dos episódios que ali ouviam romanceados.

Entretanto, talvez animado pelo vedetismo que depressa conquistou, o nosso homem ia fazendo contactos pessoais com alguns militares, aliciando-os para virem a integrar o "seu grupo especial", para eventuais acções de tipo comando. Contactos que eram feitos em semi-clandestinidade, à revelia dos chefes hierárquicos dos contactados, o que veio até a criar alguns atritos quando estes se apercebiam do que se passava.

Numa fase avançada da viagem, quando já se desenvolvera alguma confiança entre o capitão e os seus habituais ouvintes, um dos alferes ousou perguntar frontalmente:

- "Meu capitão, mas afinal, concretamente, quais são as funções que vai desempenhar?"

A resposta veio rápida:

- "Meu caro, a Índia é um cancro, e eu sou o bisturi".

Não esclareceu nada, pelo contrário aumentou o mistério sobre a sua figura e o seu papel, mas o alferes não insistiu.

Depois de algumas peripécias que até incluiram incêndios a bordo do navio que há muito atingira o limite da sua idade útil, a viagem chegou ao fim e ao acostar a Mormugão surgiu a primeira surpresa para os jovens expedicionários. Mentalizados que iam para enfrentarem uma situação de campanha, admitindo até a eventualidade de desembarcarem directamente para posições de combate, os expedicionários depararam afinal com uma recepção festiva no cais, muitas senhoras e fardas brancas, muito protocolo ao som das marchas militares que a banda fazia ouvir. Antes assim...

Os militares desenquadrados desembarcaram logo a seguir e, entre eles, a vedeta de bordo, de quem os militares integrados em unidades, que só desembarcariam no dia seguinte, se despediram orgulhosos por terem merecido a confiança do herói, que dali certamente seguiria direito para secretas e arrojadas missões.

Dois dos jovens alferes resolveram aproveitar a espera para irem à capital, Pangim. Pisar terra firme, ver gente diferente, comer comida fresca.

À noite foram jantar ao melhor hotel da cidade, o Mandovi, onde os aguardava um ambiente relativamente requintado, ao qual as suas fardas de expedicionários conferiam uma nota algo insólita.

Iam avançados no seu repasto oriental quando a surpresa os paralizou. Pela porta da sala de jantar entrava, alvo das atenções gerais, o brigadeiro comandante militar com a sua mulher. Atrás uma jovem - que depois souberam ser enteada do brigadeiro - dava o braço a um garboso capitão, elegantíssimo na sua farda branca, onde sobressaíam as coloridas condecorações, e descendo do ombro sobre a manga, um cordão dourado. Era nem mais nem menos que o nosso capitão "bisturi" que, afinal, no próprio dia da chegada, era já o ajudante de campo do comandante militar.

Assim foi decorrendo, entre o ar condicionado e as recepções protocolares, a comissão do "bisturi". Ao fim de seis meses recebe de Lisboa a notícia do falecimento do seu sogro banqueiro. Não lhe foi difícil obter autorização para vir à metrópole, o que então não era facilmente acessível ao comum dos mortais. Em Lisboa as questões relacionadas com a sucessão do sogro sobrepuseram-se à solução do cancro indiano. E não teve dificuldade em que lhe dessem por finda a comissão militar. A Goa não voltou mais.

Os alferes na India, recebiam mais um duro golpe nas suas ilusões que já se iam deteriorando. A comissão do "bisturi" não fora mais do que um passeio, que ele por certo não deixaria de fazer constar do seu currículo e alimentar novas fantasias nos serões por ele animados. Provavelmente ter-lhe-á trazido mais algumas medalhas ao seu palmarés.

O cancro da Índia, esse permaneceu e agravou-se até às últimas consequências, quando o corpo da vítima esgotou a capacidade de reacção.

E não houve bisturi que lhe valesse.

PEDRO PEZARAT CORREIA

RELATÓRIO DE ACÇÃO DO CAMPO DE TIRO DA SERRA DA CARREGUEIRA

MISSÃO: **OCUPAÇÃO E DEFESA DA EMISSORA NACIONAL.**

a) Efectivos:
7 Oficiais (2 Capitães do QP,
1 Tenente Mil.º do CCC e 4 aspirantes a Oficial Milicianos).
40 Praças
b) Hora H: 25Ø3ØØABR74
Missão cumprida em 25Ø315ABR74.

1. **ACTUAÇÃO DOS COMANDOS**

a) COMANDANTE - COR. INF.ª JAIME TAVARES BANAZOL
Desde o problema "DECRETOS" **compreendeu, aceitou** e **apoiou** os nossos pontos de vista.
Tomou atitudes **concretas de apoio e defesa aos dois Oficiais seus subordinados integrados no Movimento**.
Esteve sempre ao par dos nossos ideais (que compartilha) excepto quando o Movimento decidiu passar à Revolução em que deixámos de o informar em pormenor por três motivos: por nos parecer eticamente incorrecto o seu aliciamento por nós; para não o comprometermos no desencadeamento da acção; e por segurança para a Missão que nos fora destinada por se temer, embora remotamente, que decidisse opôr-se-lhe (não sendo contactado).
Pediu-se ao comando do Movimento que fosse contactado por um Oficial Superior o que não veio a dar-se, **facto que o Exmo. Coronel Banazol lamentou**.
Conclusão: Se não foi activo foi por não ter sido contactado.
b) 2.º COMANDANTE - T.COR. INF.ª JOAQUIM VILHENA RODRIGUES.
Colocado muito recentemente nesta Unidade, não foi contactado. Julga-se contudo que é um oficial que, em absoluto, apoia o Programa do Movimento.
c) T.COR. INF.ª ARTUR LOURENÇO
Apresentou-se no CTSC já depois de 25ABR74.
Oficial pouco conscencializado, (...) o que o impede de se aperceber dos problemas existentes ou das mudanças em curso. Por isso, mantem-se agarrado a alguns dos esquemas ou "modus faciende" do anterior regime.

2. ACTUAÇÃO DOS QUE TOMARAM PARTE NA OPERAÇÃO A CARGO DA UNIDADE.

a) DURANTE OS PREPARATIVOS
Apenas foram contactados 9 (nove) oficiais milicianos merecedores de maior confiança e número julgado mínimo necessário para cumprir a Missão.
A princípio mostraram-se duvidosos e pouco dispostos a actuar (à excepção de dois) o que ia comprometendo a possibilidade de se cumprir a Missão.
Mais três acabaram, porém, por assumir os riscos inerentes e actuar.
Os outros não se opuseram.
Não foram contactados Sargentos ou equiparados por não haver confiança especial em alguém da classe e, portanto, para não comprometer a operação.
Identidade dos intervenientes:
Cap. Inf.ª Luís Manuel de Oliveira Pimentel
Cap. Inf.ª Frederico Carlos dos Reis Morais
Ten. Mil.º CCC José Augusto da Silva Pinheiro
Asp. Of. Mil.º Artur Lopes Simões
Asp. Of. Mil.º António Alves Moreira
Asp. Of. Mil.º Fernando António dos Santos Trindade
Asp. Of. Mil.º Mariano da Cruz Serrinha
b) DURANTE A OPERAÇÃO
1. OFICIAIS
Portaram-se à altura demonstrando consciência da importância da Missão, prontidão para os sacrifícios que lhes foram exigidos e capacidades de comando.
2. SARGENTOS
Não foram empenhados Sargentos.
3. PRAÇAS
Magnífico comportamento em disciplina, dignidade e espírito de sacrifício. Isto, apesar de não constituirem o todo homogéneo de uma Unidade constituida mas sim uma amalgama de especialidades e funções apanhadas ao acaso.
4. POPULAÇÃO CIVIL
Comovente no apoio e carinho manifestado, por diversas formas e ao longo de todo o tempo aos militares.
Não houve o menor gesto de hostilidade por parte da população.

3. ACTUAÇÃO DAS FORÇAS CONSIDERADAS IN.

Apenas se deparou com a PSP. Os seus agentes não opuseram qualquer resistência pela surpresa com que foram colhidos e por se lhes ter feito crer que se cumpria ordens do Governo anterior.
Houve apenas que dominar pela força um guarda da PSP que não queria entregar o respectivo armamento.

4. ACTUAÇÃO DAS ENTIDADES GOVERNAMENTAIS

As únicas a referir são os funcionários da E.N..
a) FUNCIONÁRIOS SUPERIORES
(1) Parece-nos que embora demonstrando grande interesse em colaborar com o Movimento e com a Junta isso se deve mais à necessidade que à convicção.
(2) Pareceram-nos de tal modo influenciados pelos métodos e subserviência anteriores que dificilmente se adaptarão ao novo estilo que a E.N. terá de adoptar para bem cumprir a sua Missão, até pelo exposto em (1).
(3) ...
b) FUNCIONÁRIOS TÉCNICOS
De um modo geral descontentes com o anterior regime receberam com alegria e entusiasmo a mudança oferecida pelo Movimento.
Pelas Ø7HØØ de 25ABR74 apresentaram-se na E.N. oferecendo os seus préstimos ao Movimento o técnico ROGÉRIO e o locutor FIDALGO que colaboraram.
(...)

5. ACTUAÇÃO DO PESSOAL PERFEITAMENTE DEFINIDO NO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS.

A) Cap. Inf.ª LUÍS MANUEL DE OLIVEIRA PIMENTEL
Era o Delegado da Unidade.
Actuação do conhecimento da primitiva Comissão Coordenadora e dos orgãos de comando e direcção que se lhes seguiram.
b) Cap. Inf.ª FREDERICO CARLOS DOS REIS MORAIS
No conhecimento de tudo o que se passava desde o primeiro minuto, apoiou, coadjuvou e orientou trabalhos em perfeita igualdade com o oficial Delegado.

Quartel em Carregueira, 29 de Abril de 1974

Os Oficiais
Luís Manuel de Oliveira Pimentel
Capitão de Inf.ª

Frederico Carlos dos Reis Morais
Capitão de Inf.ª

Salgueiro Maia continua vivo na memória dos portugueses. Constantemente nos chegam textos evocando a sua personalidade e o simbolismo da sua vida. O texto e o poema desta página são da autoria do nosso associado Dr. Carlos M. Teixeira, de Arganil.

Salgueiro Maia vestiu o hábito dos dias breves e das jornadas longas.

Existiu para arrotear o campo de esperança e semear de novo a liberdade.

Deixou a outros a tarefa de cortar a seara da democracia e o recolher do trigo, na ribalta política.

Nunca se lamentou dos que lhe enlameavam as botas de trabalho, ou lhe ladravam no seu caminho de justeza.

A canalha, cega pela ódio da mediocridade pela vaidade imbecil, velhos calvos e desdentados exalando repelentes o odor pestilento do esquecimento, rejeitados pela piedosa vala comum dos indigentes de mau carácter, tudo tentou para derrubar o teu porte firme e altaneiro, face áspera e rugosa talhada com o esmeril da adversidade e na adversidade do destino.

Deixou a outros a tarefa de cortar a seara da democracia e o recolher do trigo, na ribalta política.

Nunca se lamentou dos que lhe enlameavam as botas de trabalho, ou lhe ladravam no seu caminho de justeza.

Nasceu para ser e ensinar o dever qual montanha, soberba e resplandecente, que quanto mais longe melhor se lobriga, assim a neve dos Invernos, a distância dos Anos e o Respeito das décadas lhe hão-de lembrar o exemplo do caminho que escolheu.

E todos quererão ir por aí.

O Salgueiro Maia morreu. As carpideiras recolheram a penates, vertida que foi a última lágrima da noite. UM ANO PASSOU NA MEMÓRIA DOS TEMPOS. E como cresceu a TUA SOMBRA ao sol do Inverno, como se no MINUTO SUPREMO, no Crepúsculo Trágico da vida para a MORTE fosse possível purificar o género humano abandonando as chagas do Corpo à Terra, ao Ar, à Água e ao Fogo, no seu ciclo infinito de imperfeição, e sublimar a Alma de FRATERNIDADE, IGUALDADE, LIBERDADE - e na ESPERANÇA de que a tua semente é a vida.

Por isso, este céu de Abril terá sempre cravos imorredoiros, e o lodo envenenado dos pecantes não turvará a tua fonte.

Ela foi purificada na guerra da orvalhada de pranto na longa noite fascista.

Aí mataremos sempre a nossa sede e a nossa saudade.

SALGUEIRO MAIA é o cravo do 25 de Abril.

A recordação é nossa.

SALGUEIRO MAIA

I

Alcateias de inveja, Lapas de Mal-Dizer
Anónimos Pilatos com mãos de alcatrão
Há mares de encantamento a fazer
Águas e pedras ao mundo virão

II

Tocata de guizos, Palhaços de aluguer
Mártires da Navalha, proscritos de ocasião
Salafrários do medo; chulos sem mulher
Secam as fontes e a esperança de ansião

III

O ninho dos afectos caiu ao chão
Em noite sinistra, rasgada pelo vento
E no Monte dos vendavais da paixão
Morreu o poeta e o pensamento

IV

Salgueiro Maia, baluarte da liberdade
Olhos de água, orvalhados de esplendor
Carinho de criança, imortal fraternidade
Um Homem foi enterrado, a vida em flor

12/03/93

CAPRICÓRNIO TROCOU OS APONTAMENTOS

Já que o analista/analisador das análises encartadas, por quem não me perguntem mas adivinhem, faz refaz, volta atrás e dá de novo, no seu/deles balanço, figurino/futurista, para o ano começado no mês quatro da nova era, peço-lhes licença, a vós meus senhores, os incrédulos, os simples como eu, que dessa coisa tão complicada como é viver o hoje e o amanhã que os nossos amados governantes asseguram ser a que melhor nos convém, a única, peço licença, dizia eu, para também desafinar com o coro dos contentes, para jurar, entre outras assombrações, que em 93 tudo vai ser ficção na carreira ascencional dos povos abençoados pela traquitana dos astros, astrólogos, actores, actrizes, jete-setes com cifrões e números a subir sem medo da inflação, enfim, por quantas mãos postas possam temer que os olhos desencantados do pai natal deitem fogo às nossas chaminés e nos acordem aos gritos de aqui-d'el-rei que nos estão a esfolar o coiro e o gatilho dos miolos, o limite de velocidade da nossa carripana interior, que um dia há-de crescer e chegar a limousine quando os dias forem todos natais desmascarados e a magia de voltar a acreditar no sonho daquele dia, no dia santo do homem, chama eterna de ventos e sóis, de horas dias e meses, de bastas, chegas e altos, do alto de nossas espadas de calibur que se chamaram gê três floridas, quando não haja mais pedacinho de terra para eucaliptar, nem, aldeia para abandonar, nem corpo para mirrar, nem jovem para enganar, nem velho para esquecer, nem adulto para desempregar, nem pássaro para calar, nem esperança para afundar, nem nababo para engordar, nem corrupção para engravatar, nem violência com risos de pasta dentífrica, nem laranjais para mostrar com lata de telejornais, nem jornais e outros que tais, esquerdo-direito-um-dois, que não falem do Afeganistão (enganei-me porque não), do MPLA qué o mau e o Savimbi qué o bom, da Sérvia qué a má e a Croácia mais a Bósnia que são os bons, nem dos fardas que abriram a porta e agora veem a música passar para as bandas da rectaguarda, dos states à patagónia, dos alemães, australianos e indonésios, à mesa dos deuses do petróleo, sem Timor a estorvar, o máximo de todos os máximos, para nós os boquiabertos com os tostões da c.e.e., nas núvens e nevoeiros à espera de sebastião salvador, vestido de primeiro-ministro, democrata desnacionalizado, para também nos dizer: pronto meu soldado, cabo, furriel, sargento, oficial, e meninas, agora sim, o dezanove foi à vida, o vinte e cinco vai ser riscado, o começo não começou, quem o diz agora sou eu.

Não falem do Afeganistão (enganei-me porque não), do MPLA qué o mau e o Savimbi qué o bom, da Sérvia qué a má e a Croácia mais a Bósnia que são os bons, nem dos fardas que abriram a porta e agora veem a música passar para as bandas da rectaguarda.

Desculpem qualquer coisinha, mas eu digo: não senhor, àqueles para quem escrevo e baralho previsões, para os outros do mesmo jeito, como é de uso e costume neste forum capricórnico, quem debita, debita a outrem, a conta da mercearia, da tasca e do cafezinho, do talho, cada vez menos porque a carne faz engordar e o coração não aguenta, da saúde, cada vez menos porque o dinheiro vai ser curto para a privada dos hospitais, dos médicos, dos enfermeiros, de remédios e remendos, de tratos e tratantes, seringas, vacinas, pastilhas contra a tosse e rebeldia, tudo isso é ficção para a pena subversiva, nada vai estar pela hora da morte na boca do cangalheiro, só a camisa do descamisado e a paciência do justo, do inconformado/avisado.

Como 1993 é o ano do capricórnio, cá no reino, por meu mal, para uns tantos será melhor e para uns mais, muito pior

Como 1993 é o ano do capricórnio, cá no reino, por meu mal, para uns tantos será melhor e para uns mais, muito pior, já que a conjugação dos astros assim predispôs as peças do xadrez celeste para alumiar, embalar, adormecer, a vénia ao voto perdido no meu e no teu patrono, nos zandingas da bajulação, dos traídos e distraídos, dos inefáveis reconsiderados, nos novos ricos do totobola com migalhas para pobre anestesiar, nos estranjas multinacionais, nas reservas e coutadas onde havia alentejano, agora à cata de bolota como no tempo da outra senhora, com cães e generrês a cascar no costado de catarinas e casquinhas, nos tomates e tomatais da campina portuguesa, nas vinhas do frio nortenho, no salto para o lado de lá, no descaro de quem discordava. Se calhar, hoje, amanhã e depois, no , no, mas o rei vai nú, no olho da rua e na avenida da nossa liberdade, onde tudo aí nos recorda, o carmo e o comércio, o Zeca e o posto de comando, quem chorava de alegria, o primeiro dos nossos maios, tudo, tudo, valeu a pena, até para os inimigos e declarados democratas, excepto, excepto, quando em obediência ao senhor doutor, professor, governante, secretário, empregador e afins, sejam eles quem forem: com e sem pouca pasta, patrão directo e indirecto, medo de perder o emprego por demorar muito tempo a mijar, por mulher engravidar, por se escusar à problemática dos futebóis. Ou ainda, com excepção dos sindicalistas da avestruz, de polícias e militares (também eles a contrato), da moda e da telenovela, sem domingo para descansar, da sexta e do fim do mês, se não houver salários em atraso, e gabinetes para redecorar, e bombas a quatro para comprar, e secretárias de anúncio, ou às escondidas, para exibir com iate e vison, claro está, em nome da estabilidade social, da modernidade, do desenvolvimento, dos 12, da coitada da democracia com as costas largas, do futuro dos filhos deles, e de alguns (abençoados) que já saíram à rua, e dos outros que aí virão com o diploma na mão, sem saber o que lhe fazer se não estiver encaixilhado no partido do poder: em nome do 25 de Abril (tarrenego) que é preciso esquecer, quem sabe se assim será e que o digam as crianças dos bairros de muitas e variadas latas, os homens de todas as lutas, as padeiras de aljubarrota, os velhos que não esqueceram, os poetas e prosadores que à lei da morte se continuam a opôr, e cantam que ainda há estrelas no céu e uma bola colorida nas mãos puras de uma criança.

VAZA PINHEIRO

NEGRO

Além, de olhar perdido pelo céu,
Eu vejo-o sonhando...
Que pensa? O que quer? Porque chora?
Seus olhos tristemente vão deitando
O fel que já viveu,
Os seus sonhos de agora.

Caminha ao acaso, sem destino,
Atrás duma quimera,
Pedindo algo mais e mais diferente,
Perdido no seu mundo em que quisera
Ser ainda menino
Crescendo p'ra ser gente.

Vem, negro amigo, que eu também perdi
Aquilo que sonhei...
Vem a meu lado, dá-me a tua mão,
Tracemos nova vida, nova lei,
Porque eu também sofri,
Porque eu sou teu irmão.

Nuno Fisher Lopes Pires

COMISSÃO PARLAMENTAR DE DEFESA NACIONAL COLÓQUIO ENCONTRO DA IMPRENSA MILITAR

A Comissão Parlamentar de Defesa Nacional levou a efeito, em 1 de Julho de 1992, um Colóquio/Encontro com os responsáveis das Revistas e Publicações Militares, para o qual convidou o Director de "O REFERENCIAL". Regista-se o facto até porque, em todos os encontros de natureza semelhante que têm tido por base iniativas do interior da instituição militar, "O REFERENCIAL" tem sido sistematicamente ignorado.

O nosso director aproveitou o debate para fazer uma curta intervenção em que abordou o problema do papel da imprensa militar e da investigação no campo da estratégia e da defesa nacional.

Transcreve-se esse texto e os dos comentários que mereceu a outros participantes, retirados do livro que a Assembleia da República publicou, com a transcrição integral de todas as intervenções e dos debates suscitados.

Aproveita-se para agradecer à Comissão Parlamentar de Defesa Nacional a oferta do exemplar desta Publicação.

"Tem a palavra o representante do Boletim da Associação 25 de Abril "O Referencial", Sr. Brigadeiro Pezarat Correia.

O Sr. Representante do Boletim da Associação 25 de Abril "O Referencial" (Pezarat Correia): - Quero agradecer à comissão Parlamentar de Defesa o convite que nos dirigiu.

Esta é a primeira vez que estou presente numa reunião de orgãos de imprensa, a que não chamaria militar, uma vez que os orgãos de divulgação que estão aqui presentes não são propriamente de imprensa militar, têm sim, um certo cordão umbilical ligado à instituição militar, mas não são de imprensa militar (como é o caso do boletim "O Referencial").

Não vim aqui para tentar sensibilizar a Comissão de Defesa Nacional, mas, sim, para estar aqui com colegas de outros orgãos de informação que se debruçam sobre problemas de defesa nacional e militares, a fim de, eventualmente, tentar sensibilizá-los para uma questão que tem a ver com a lacuna existente num determinado tipo de imprensa que debate os problemas de defesa nacional. Não me refiro tanto aos orgãos de comunicação do tipo boletins ou orgãos de divulgação interna, mas sim, àqueles que procuram debater problemas relacionados com questões de estratégia, como é o caso, por exemplo, da "Revista Militar" e da revista "Nação e Defesa". Essa lacuna não tem tanto a ver com os próprios orgãos de comunicação, mas, fundamentalmente, com algo que lhes falta para poder alimentar um determinado tipo de informação e divulgação, o que, penso, é extremamente importante. Refiro-me concretamente à imprensa de investigação!

O Sr. Prof. Adriano Moreira referiu aqui, por exemplo, um problema que é candente e que tem a ver com todos estes ajustamentos da situação internacional. Como é que, no mundo de hoje, isto pode reflectir-se no problema existencial das Forças Armadas? Sobre esta matéria podemos encontrar alguma informação, estudos, debates em orgãos de informação estrangeiros e também em alguns orgãos nacionais, nomeadamente na revista "Nação e Defesa" - refiro esta porque é a que recebo assiduamente. Esses estudos publicados em alguns orgãos de informação nacionais resultam dos trabalhos feitos pelo Instituto de Defesa Nacional, que frequento com muita assiduidade e que, em minha opinião, tem feito um trabalho de muito mérito em Portugal.

Simplesmente, é a revista "Nação e Defesa" que, de uma maneira geral, publica os resultados dos trabalhos das conferências, das mesas redondas, dos debates que são produzidos no Instituto. A verdade é que, em Portugal, temos pessoas, quer militares quer civis, com capacidade suficiente para estudar e aprofundar os problemas relacionados com a defesa nacional. E, Srs. Deputados, assumo a responsabilidade daquilo que estou a dizer-vos! Sou frequentador assíduo do Instituto, que recebe, com uma certa regularidade, convidados, estudiosos, académicos estrangeiros que vêm aqui debater diversos problemas. Ora, verifico, por vezes, que as comunicações que os estudiosos portugueses, quer civis quer militares, apresentam nada ficam a dever às que foram produzidas pelos estrangeiros convidados pelo Instituto de Defesa Nacional.

Então, o que é que falta, de facto, para a revista "Defesa Nacional" poder ser bastante mais produtiva dentro desta matéria? Em minha opinião, o que falta é um instituto de investigação capaz! A investigação, hoje, já não se faz de uma forma amadora, em "part-time" ou apenas por curiosidade. A investigação é uma actividade científica, que tem de ser orientada, que tem de ter objectivos, que tem de procurar todas as fontes e tentar sistematizar a informação para depois, a partir dela, as pessoas poderem produzir criativamente ideias próprias. Penso, inclusivamente, que isto está presente nas ideias do Presidente do Instituto da Defesa Nacional.

Creio, pois, que faz falta um corpo de investigadores que possam funcionar em "full-time", agregados a um instituto ou a uma revista desta natureza que produzisse investigação e reflexão próprias.

Se isto vier a acontecer, a revista "Nação e Defesa", que já tem um conteúdo importante, poderá vir a ser uma revista muito mais valorizada, que nada ficará a dever a outras revistas estrangeiras!

Em portugal - e falo por experiência própria - , quando temos necessidade de investigar uma determinada matéria, um determinado assunto para produzir uma comunicação ou para participar numa conferência, num seminário ou numa mesa redonda recorremos a revistas estrangeiras, que reflectem, de facto, as investigações que se produzem nesses países. Portanto, o que não temos é institutos de investigação a trabalhar em profundidade nesses temas! E é pena, porque temos pessoas capazes, gente qualificada para poder produzir essa criação, essa investigação própria.

Coloco aqui este problema, porque acredito que ele pode sensibilizar os orgãos de comunicação ligados ao aparelho militar, que pode, eventualmente, levantar esta questão e sensibilizar os respectivos responsáveis.

O Sr. Presidente (Miranda Calha): - Aproveito para dizer que acompanhamos o Sr. Brigadeiro quando sublinha o mérito do Instituto de Defesa Nacional e da sua revista "Defesa Nacional". Aliás, o Sr. Brigadeiro focou também aqui um problema extremamente interessante e que tem a ver com a investigação.

Tem a palavra o Sr. Deputado Adriano Moreira.

O Sr. Deputado Adriano Moreira (CDS): - Creio que o ponto que o Sr. Brigadeiro Pezarat Correia levantou é fundamental! Esse problema existe em todas as nossas instituições e está relacionado com o tal problema geral que aqui referi e que tem a ver com a transformação das Forças Armadas, do tal exército artesanal para exército de laboratório, etc. Isso também se verifica em outros domínios e, neste momento, estamos a assistir ao desagregar das funções das instituições.

As instituições que se ocupam destas matérias devem, ao mesmo tempo, investigar, ensinar e divulgar. Há instituições que só ensinam, outras que só divulgam e é cada vez mais difícil ter as que só investigam, porque a investigação é muito cara. A Comunidade está a perder o seu sentido de financiamento da investigação desinteressada e essa mentalidade tem de ser alterada.

Já tem sido feito algum esforço nesse sentido, lembro-me, por exemplo, que, neste momento, o LNETI tem um primeiro núcleo de investigação aplicada em matéria de defesa, naturalmente mais virado para as altas tecnologias. Também é certo que começámos a ter as primeiras teses de mestrado e até de doutoramento, o que já representa uma certa investigação nesta área. Mas em relação às nossas necessidades, de facto, é muito pouco. Este é um problema importante, que merece ser registado e desenvolvido."

CML – Exposição sobre Carlos Pinhão

A Câmara Municipal de Lisboa promoveu duas exposições para cujas inaugurações convidou a A25A.

No átrio dos Paços do Concelho, exposição fotográfica e bibliográfica sobre a vida e obra de Carlos Pinhão, antecedida de uma sessão evocativa com a participação de diversos oradores entre os quais sua filha, Leonor Pinhão.

Na Biblioteca-Museu República e Resistência, sobre a obra do Mestre Manuel Cabanas.

NORTE

COMEMORAÇÕES DO XIX ANIVERSÁRIO

Apoiadas pela Delegação Norte da A25A e pela April levaram-se a efeito as seguintes iniciativas:

– Forum "Dialogar" sobre o desenvolvimento em democracia", no Teatro Municipal Rivoli, em 24 de Abril.

– Exposição "O 25 de Abril e as crianças", na semana de 26 a 30 de Abril no Pavilhão Rosa Mota. Exposição de cartazes e fotografias alusivas ao acontecimento. No encerramento as crianças presentes pintaram um painel colectivo e assistiram a uma largada de balões com mensagens.

Actividades em que a Delegação se fez representar:

– Inauguração do monumento aos "Militares de Abril", em Braga, no dia 25, cerimónia a que presidiu o Presidente da República.

– Na Escola Secundária Sá da Miranda, Braga, em 23 de Abril colóquio subordinado ao tema "25 de Abril, seu significado" e inauguração da exposição "Memória do nosso tempo recente".

– Em Guimarães, em 25, nas comemorações populares.

– Na Escola Secundária Infante D. Henrique, Porto, em 28, conferência sibordinada ao tema "O 25 de Abril de 1974".

Jantar no Hotel da Penha:

Em Guimarães realizou-se a confraternização comemorativa do 25 de Abril, que juntou no jantar oficiais da Região Militar e seus familiares, tradição que se mantém desde 1975.

MANTENHA AS QUOTAS EM DIA

Grândola Vila Morena
Para Ser Cantado Pela Geração De 75

Grândola vila morena
desculpa ter-te faltado
em Abril vila pequena
'inda não tinha acordado

'inda não tinha acordado
EM ABRIL VILA PEQUENA
DESCULPA TER-TE FALTADO
GRÂNDOLA VILA MORENA

É com a voz que te sirvo
terra da fraternidade
em abril não era vivo
'gora sou a liberdade

'gora sou a liberdade
EM ABRIL NÃO ERA VIVO
TERRA DA FRATERNIDADE
É COM A VOZ QUE TE SIRVO

Não há dia em que não trema
ao lembrar dos dias velhos
o povo é quem mais ordena
n' abril dos cravos vermelhos

n' abril dos cravos vermelhos
O POVO É QUEM MAIS ORDENA
AO LEMBRAR DOS DIAS VELHOS
NÃO HÁ DIA EM QUE NÃO TREMA

Se te faltei nesse dia
dá-me agora a igualdade
vou fazê-la em alegria
dentro de ti ó cidade

dentro de ti ó cidade
VOU FAZÊ-LA EM ALEGRIA
DÁ-ME AGORA A IGUALDADE
SE TE FALTEI NESSE DIA

Pedro Jorge Eiras
(nascido em 1975)

CENTRO

COMEMORAÇÕES DO XIX ANIVERSÁRIO

Na cidade de coimbra, tiveram lugar diversas actividades inseridas nas comemorações do 25 de Abril:

COMEMORAÇÕES POPULARES:

- Almoço
- Grupos folclóricos
- Actividades desportivas
- Actividades culturais

INICIATIVAS DA CAMARA MUNICIPAL:

- Hastear da Bandeira Nacional com a presença de autarcas.
- Entrega de Bandeiras Nacionais às Escolas Primárias.
- Inaugurações de interesse local no âmbito do Município.

ALMOÇO COMEMORATIVO ORGANIZADO PELA DELEGAÇÃO CENTRO:

Reunidos associados e amigos de Coimbra, Leiria, Viseu e Figueira da Foz, com a presença do general Franco Charais que no período de 1975/76, enquanto membro do Conselho da Revolução, comandou a Região Militar Centro. Numa curta intervenção Charais referiu o papel que é legítimo desejar que a A25A tenha na nossa sociedade pós-Abril, concluindo com um verso que retirou do jornal de Paço d'Arcos, da autoria de António Manuel, que em 25 de Abril de 1974 tinha 18 anos:

"PARECE QUE FOI ONTEM. E HÁ MILÉNIOS.
E NESTE BRANCO-NEGRO DA DISTÂNCIA INSINUAM-SE MAGOS, BRUXAS, GÉNIOS A QUEREREM CONVENCER-ME QUE ESTA ANSIA DE REVIVER, FRUINDO, UM ABRIL-CASTO, DE FOGO-POSTO,
É TIPICO DE UM ESPÍRITO RAREFEITO QUE CULTIVA UM PASSADO A CONTRAGOSTO...

COMO SE ABRIL, SENHORES FOSSE PASSADO!
ABRIL É HOJE! É BELO! E TEM UMA MELODIA!
E É PERFEITO!
ABRIL É O SONHO INACABADO, O MEU DESASSOSSEGO INSATISFEITO O MEU ROMANCE AZUL EM MÚLTIPLOS DESENLACES!
POR ISSO TODO O ANO - E EM TODO O LADO,
TENHO UM CRAVO - SORRISO ENRAIZADO NAS FACES
E GUARDO ABRIL, INTEIRO NO MEU PEITO."

Seguiu-se um interessante e vivo diálogo entre Franco Charais, e muitos dos presentes em torno de questões relacionadas com o 25 de Abril.

PAGUE AS QUOTAS

SERVIÇO DE SAÚDE

FRENTE POLISÁRIO

Integrado numa delegação portuguesa de vinte e poucos elementos, entre representantes de entidades diversas e elementos da comunicação social, o director de "O REFERENCIAL" visitou o Saara Ocidental, a convite da Frente Polisário. Tratou-se da comemoração do 20.º aniversário do início da luta de libertação, primeiro contra a potência colonial, a Espanha e, a partir de 1975 contra Marrocos, que passou a ocupar o país depois da saída dos espanhóis.

A Frente Polisário reuniu nas suas festas nacionais, mais de um milhar de convidados, de todo o mundo, que não puderam esconder a sua surpresa perante a organização dos campos de cerca de 150.000 refugiados, situados numa faixa do deserto cedida pela Argélia, confinante com a fronteira do Saara Ocidental. Os Saauris estão aí agrupados segundo a decisão administrativa do seu país, mantendo em exemplar funcionamento os seus serviços de educação, de saúde, estruturas políticas, culturais e a possível ocupação profissional dos homens e mulheres, deixando a

Uma formação de veteranos da luta de libertação abrindo o Desfile Militar

convicção de um exemplar aproveitamento da ajuda externa que recebem. Mas o que mais impressionou os visitantes foi o desfile militar, de um exército de tipo clássico denunciando para os entendidos uma alta disciplina, eficiência e prontidão, e um notável apetrechamento das várias unidades em desfile, infantaria, comandos, milícias, especialistas (sapadores, transmissões e saúde), blindados mecanizados, artilharia convencional e mísseis, num total de cerca de meia dezena de milhares de homens. Isto enquanto mantém outros milhares na frente de combate no interior do país.

Os convidados puderam guardar a convicção de que de facto os Saauris estão prontos a assumirem as suas responsabilidades de soberania, quando e se for esse o sentido do referendo que a ONU tem em preparação.

ASSOCIATIVISMO MILITAR

A Associação Nacional de Sargentos apresentou publicamente o livro "Associativismo Militar: Direitos e Restrições" por si editado, com um colóquio que teve a participação de Borges Coelho, Maria Carrilho e Pezarat Correia.

A A25A felicita a ANS por esta sua iniciativa e formula votos para que esta obra possa contribuir positivamente para o fomento do associativismo militar, num momento em que a sua consolidação se justifica plenamente.

Também no dia 17 realizou-se a Assembleia Constituinte da Associação de Oficiais das Forças Armadas (AOFA) e as eleições dos seus Corpos Gerentes a partir da qual se perspectiva novo impulso na vida desta Associação que, com a ASMIRR e a ANS, constituirá certamente um reforço decisivo na dinamização do Associativismo Militar.

V.S.

Com a publicação do "cartoon" deste número nas páginas centrais, iniciamos a série que V.S. dedicou aos Serviços. Nota-se que o trabalho é de 1964 e nada tem a ver com a polémica sobre as "vacas loucas", ou outras muito mais graves que afectam a saúde dos portugueses em 1993. O traço, o humor e o sentido de observação crítica de Vicente da Silva, revelam-nos magistralmente os diversos domínios do Serviço de Saúde Militar, o serviço médico, o serviço veterinário, o serviço farmacêutico, os cuidados de higiene. É também uma homenagem a um serviço militar, que tem dado grandes vultos à ciência nacional.

O FUTURO DAS FORÇAS ARMADAS

A Comissão Parlamentar de Defesa Nacional promoveu, no passado dia 23 de Junho, um colóquio subordinado ao tema em epígrafe, subdividido em dois Painéis: "Que Forças Armadas para o futuro" e "Que militar para as Forças Armadas do futuro". O colóquio, a que assistiu como convidado o director de "O REFERENCIAL", revestiu-se de inegável interesse, já que se debruçou sobre uma matéria de grande actualidade e a exigir reflexões muito profundas.

MENSAGEM

As comemorações do XIX aniversário foram assinaladas por numerosas e variadas comemorações em todo o país e comunidades portuguesas no estrangeiro. Transcrevemos na íntegra a mensagem da A25A e passagem do discurso que Victor Alves, em nome da Associação, pronunciou no Rossio, na manifestação que encerrou o tradicional desfile popular.

O povo é quem mais ordena ...

E, de repente, Abril foi Portugal. De repente... os portugueses acordaram livres.

Surpresa, incredibilidade, dúvida, alegria, esperança foram sentimentos vividos nessa manhã iniciada ao som de "Grândola Vila Morena". E, porque "há sempre alguém que diz não", os capitães de Abril estavam a interpretar o verdadeiro sentido e os reais interesses dos portugueses e, porque "o povo é quem mais ordena", nesse "dia inicial inteiro e limpo" "a poesia saiu à rua". Cantando, escrevendo ou pintando, os portugueses "emergiam da noite e do silêncio".

E Abril passou a ser Portugal e Portugal foi Abril...

O mundo inteiro olhou-nos com espanto e admiração, aceitou-nos e inseriu-nos no seu seio. Isolacionismo quebrado, reinventada a liberdade e a democracia, começámos uma caminhada, rumo ao bom porto que ambicionávamos atingir. Quantas esperanças andaram então à solta na boca e no coração do povo!...

Essa caminhada, a par de momentos deslumbrantes e avanços rápidos tem enfrentado escolhos diversos que obrigam a desvios, paragens e até recuos.

Na passagem do 19.º aniversário do seu início é tempo de alguma reflexão sobre o percurso e os resultados obtidos. E se, efectivamente, muitas das esperanças se concretizaram, muitas mais têm vindo a ser adiadas. A sua concretização só poderá ser conseguida, no entanto, se alicerçada nos valores da democracia e da liberdade. Os portugueses têm direito a ser dignificados e não apenas utilizados como factores de produção ou meros números estatísticos. O desenvolvimento não se pode reduzir a um simples crescimento económico, impondo-se que se respeitem igualmente os valores da justiça social, da solidariedade, da igualdade, da liberdade, da dignidade. O Portugal de Abril não pode assentar fundamentalmente em valores tecnocráticos, pois o valor humano é fundamental. E isso só será um facto com uma sociedade transparente, onde a corrupção e o tráfego de influências não sejam moeda corrente, onde o emprego e os salários atempados sejam um direito efectivo e real da população.

Recordando Abril de 74 e as suas consequências directas é com mágoa e revolta que continuamos a assistir à anexação de Timor e ao esmagamento do povo Maubere, não lhes concedendo o direito à autodeterminação e independência. Como igualmente nos custa assistir à reactivação da guerra em Angola, apesar dos acordos de paz celebrados e do processo democrático encetado. Guerra que recomeçou porque um dos parceiros desses acordos não respeitou os resultados do processo, renegou os compromissos assumidos, se revoltou e desencadeou de novo as hostilidades. Com a conivência activa ou passiva da comunidade internacional, a quem cabe a responsabilidade maior de impôr a aceitação dos resultados do jogo, cujas regras ela própria definiu. Para além da esperança de que a paz volte rapidamente a Angola, fica-nos também a esperança de que essa mesma comunidade internacioanl aproveite a lição para não permitir situações semelhantes em Moçambique.

Só a chegada da liberdade a todos os territórios por nós outrora colonizados continuará Abril. Que se cumprirá igualmente quando a paz e a concórdia se forem estabelecendo nesses novos países, onde o português é a língua oficial.

A Associação 25 de Abril esforça-se por continuar a caminhada iniciada há 19 anos. Relembrando esses dias empolgantes e buscando forças para manter bem vivos os ideais que nos nortearam na acção libertadora de 1974. Aqui saudamos todos os democratas e renovamos o nosso propósito de, em conjunto, continuarmos empenhados na tarefa de construir um Portugal sempre renovado, um Portugal onde todos tenhamos lugar de corpo inteiro, dignos, livres, solidários e felizes.

Viva o 25 de Abril!
Viva Portugal

25 DE ABRIL DE 1993 (ROSSIO)

Amigos, companheiros, camaradas

Foi há dezanove. Ao som de "Grândola Vila Morena", os capitães de Abril, interpretavam o verdadeiro sentir e os reais interesses dos portugueses e davam o "golpe de misericórdia" num regime ilegítimo, fascista, colonialista e caduco. Numa arrancada patriótica, o Movimento das Forças Armadas culminava a resistência do povo português à ditadura, reabria a porta à liberdade e à democracia, criava as condições para a resolução da questão colonial e iniciava um profundo processo de desenvolvimento das mentalidades e do país (...).

Dezanove anos depois, relembramos aqui essa jornada maravilhosa. Ao fazê-lo, seja-me permitido evocar os democratas que durante este último ano nos deixaram, física que não espiritualmente. Em primeiro lugar um companheiro que connosco desceu sempre a avenida da Liberdade e algumas vezes aqui usou da palavra, o nosso Fernando Piteira Santos. Na sua pessoa e em Rogério Paulo, Manuel da Fonseca e Natália Correia, recordo todos os companheiros democratas falecidos últimamente.

Em sua memória, peço um minuto de silêncio.

Dezanove anos depois, voltamos a rememorar essa data libertadora. Reafirmando, hoje como então, o nosso apego aos valores da liberdade, da democracia, da justiça social, da solidariedade, da igualdade, da dignidade e da paz. E seguiremos fazendo-o, desta ou de outra forma, porque os valores que Abril nos trouxe continuam e continuarão como suportes fundamentais da sociedade que queremos para Portugal. Não o fazemos, portanto, numa perspectiva saudosista ou de ritual, mas sim numa afirmação de alegria pela libertação, de solidariedade de todos com cada um, de reflexão e de empenhamento na luta pelos ideais de Abril.

A reafirmação do apego a esses valores reveste-se ainda de maior significado quando a situação no país começa a ser de crise e se avolumam suspeitas de que isso provoque medidas cada vez mais lesivas de interesses fundamentais dos trabalhadores e do povo em geral, baseadas numa prática autoritária que se vem acentuando nos últimos tempos (...) a democracia não se esgota, de modo algum, nos seus aspectos formais. Por maior que seja a legitimidade democrática, ela não dispensa a prática do diálogo nem justifica a utilização de métodos autocráticos. A legitimidade de uma maioria desqualifica-se quando esta abusa da sua força e se revela sistematicamente impermeável a quaisquer sugestões ou argumentos exteriores ao seu universo restrito.

A hora é de crise. A luta é dura.

Pela primeira vez após 25 de Abril de 1975 o Parlamento não comemora o 25 de Abril.

A razão invocada é a falta de cobertura dos órgãos de comunicação social. Quem provocou?

Como podem os nossos legítimos representantes ignorar Abril?

Sejamos prudentes!

Dos três Órgãos de Soberania com capacidade para tal, só um, o Presidente da República, comemora.

Será que para o ano, no 20.º aniversário, não se utilizará o precedente agora aberto?

Estejamos atentos!

Uma disciplinada maioria, já conseguiu, finalmente, libertar-se daquela, para si, rotineira hipocrisia.

Já o haviam tentado através da célebre lei dos feriados. Que bom seria comemorar sempre o 24 de Abril!

Não o conseguiram. Mas astúcia não falta! Basta provocar uma situação, na altura própria, e o objectivo acaba por se atingir.

Unamo-nos por Abril!

Evocamos hoje aqui o 25 de Abril de 1974. Ao fazê-lo evocamos todos os resistentes que deram o melhor de si, quantas vezes a própria vida, à conquista da liberdade, semeando aquilo que todos viríamos a colher. Evocamos os militares que em Abril viabilizaram essa conquista. Relembrando esses dias empolgantes, buscamos forças para manter bem vivos os ideais que nos nortearam na acção libertadora de 1974.

Saudando todos os democratas, convidamo-los a assumir as responsabilidades pelo reencontro do país com as perspectivas que Abril abriu.

Por nós, continuaremos empenhados na tarefa de construir um Portugal sempre renovado, um Portugal onde todos tenhamos lugar, de corpo inteiro, dignos, livres, solidários e felizes.

Viva o 25 de Abril!
Viva Portugal!

Vítor Alves

COMEMORAÇÕES DIVERSAS

O 25 de Abril continua a ser comemorado, em todo o país e em muitas das comunidades de emigrantes espalhadas pelo mundo.

Das comemorações que chegaram ao nosso conhecimento, salientamos, pelo seu especial significado.

PONTA DELGADA

A Comissão Promotora que contou com o apoio da C.M. de Ponta Delgada, das Juntas de Freguesia de Fajã de Baixo, São José, São Pedro e São Sebastião e da União de Sindicatos de São Miguel e Santa Maria, referiu em ofício à A25A "(...) os obstáculos encontrados e o boicote de certa comunicação social, nomeadamente da RTP-A (...)".

Tal não impediu porém o êxito das comemorações, que constaram do seguinte programa:

- Grupo Folclórico Ilha Verde
- Intervenção de Filipe Cordeiro
- Cantadores ao desafio
- Intervenção do Professor Mota Vieira
- "Chumba Perde" - Tuna da Associação Académica da Universidade dos Açores
- Grupo "Nova Cidade" - Conjunto Musical da Ribeira Grande

AMSTERDÃO

A Associação Portuguesa de Amsterdão levou a efeito um almoço comemorativo, que contou com 150 participantes e com a presença do convidado representante da A25A General Vasco Gonçalves.

TORONTO

Almoço realizado no First Portuguese Canadian Cultural Centre. Os organizadores aproveitaram a confraternização para promoverem uma jornada de solidariedade com o Povo de Timor-Leste, que veio a ter lugar em 9 de Maio na Casa do Alentejo de Toronto e que contou com a presença dos timorenses Constâncio Pinto, ex-secretário do Comité Excutivo do CNRM, que fugiu de Timor por ter sido um dos organizadores da manifestação de 12 de Novembro de 1991 no cemitério de Santa Cruz e Abé Barreto Soares, refugiado no Canadá desde 1991.

FRANKFURT

Por iniciativa de um grupo de emigrantes portugueses de Frankfurt, realizou-se no Centro Cultural Português a comemoração do "Dia da Liberdade", para a qual convidaram, como representante da A25A, o almirante Rosa Coutinho.

COMUNICADO

O 25 de Abril não será comemorado na Assembleia da República.

Pela primeira vez se criou uma situação que "obrigou" ao cancelamento das cerimónias previstas. Cerimónias nas quais a Direcção da Associação 25 de Abril só participaria se elas decorressem com a dignidade que a acção libertadora e patriótica dos militares de Abril justifica. Lamentavel-mente, essas condições não se verificaram.

Se nos recordarmos da intenção do Governo, ainda não abandonada apesar do veto do Presidente da República, em transformar o feriado do 25 de Abril em feriado móvel, maiores serão as nossas preocupações.

Condenamos esta situação e confiamos em que os portugueses saberão reagir da melhor maneira, participando activa e massivamente nas muitas e diversas comemorações populares que se realizam por todo o país. Nomeadamente, esperamos que, na manifestação que amanhã terá lugar em Lisboa, se verifique uma enorme participação.

Assim se recordará, com alegria, a reimplantação da liberdade e democracia em Portugal, se estreitarão os laços de solidariedade entre os democratas e se ganhará força para acabar com as tentativas de coartar essa mesma liberdade, para aprofundar e alargar a prática democrática, enfim para renovar os valores de Abril na sociedade portuguesa.

24ABR93

O Presidente da Direcção

Vasco Correia Lourenço

CONVITES FEITOS À A25A

- MOVIMENTO PORTUGUÊS CONTRA O APARTHEID
Reunião com chefe do departamento de relações internacionais do ANC (Congresso Nacional Africano)
17/3/93

- CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO
Campanha de solidariedade com a luta do povo Angolano pela Paz.
22/3/93

- DORL DO PCP
Debate "A Crise económica e Social em Portugal"
1/4/93

- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Inauguração da exposição de pintura de Delfim
3/4/93

- COM. COORD. PERMANENTE DOS SINDICATOS E ASSOCIAÇÕES DOS PROFISSIONAIS DAS FORÇAS E SERVIÇOS DE SEGURANÇA
Colóquio sobre "Abertura das fronteiras e segurança interna e comunitária",
"Sindicalismo nas forças e serviços de segurança" e "Restruturação das forças e serviços de segurança"
17/4/93

- ASSOCIAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL DA POLICIA - ASPP
Sessão de solidariedade
21/4/93

- TEATRO DA COMUNA
Estreia do espestáculo "Quando passarem cinco anos - lenda do tempo"
22-23-24/4/93

- CIDAC
Exposição fotográfica sobre "Moçambique cinco olhares"
23/4/93

- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Exposição de pintura de Irene Gomes
24/4/93

- COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE/CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / OS AMIGOS DA TERRA
Apresentação pública do equipamento por Timor Biblioteca, animação encontro
27/4/93

- GALERIA QUADRADO AZUL
Exposição de Antoni Tapies
30/4/93

- CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA
Inauguração do monumento ao trabalho - Poder local / população
2/5/93

- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Exposição de artes plásticas por um grupo de médicos
8/5/93

- IV CANTIGAS DO MAIO
14 a 25/5/93

- IV CANTIGAS DO MAIO
Inauguração da exposição de fotografias de Mauricio Abreu e intervenção estética multimédia de José Teófilo Duarte
14/5/93

- GALERIA DE ARTE CAPITEL
Inauguração da exposição de crystais SWAROVSKY
Inauguração da exposição de pintura de Mário Salvador
15/5/93

- FRENTE POLISÁRIO
Cerimónias do 20.º aniversário
20/5/93

- ACADEMIA MILITAR
Colóquio "Identidade mudança e criatividade"
18/5/93

- DORL DO PCP
Debate sobre Maastricht
21/5/93

- INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA
Debate "Estruturas Religiosas - da mensagem à intervenção"
27/5/93

- DORL DO PCP
Colóquio sobre "O Agravamento da crise e reflexão no aumento da pobreza no distrito de Lisboa".
28/5/93

- FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA QUIMICA, FARMACEUTICA, PETRÓLEO E GAZ
6.º Congresso
28-29/5/93

- TEATRO CORNUCÓPIA
Estreia da peça 7 portas de Botho Strauss
28-29/5/93

- MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DAS MULHERES
Atribuição da distinção de honra M.D.M.
30/5/93

- CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO
Conferência Mundial em favor da causa do povo coreano
30/5/93

- VI CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO
Romagem à campa do T. Cor. Salgueiro Maia (Castelo de Vide)
30/5/93

- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO
Comemoração do 69.º aniversário
31/5/93

- TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA
Estreia da peça "OTHELLO" de William Shakespeare"
3-4-5/6/93

- CLUBE DE SARGENTOS DE AERONÁUTICA
Romagem à campa do Sargento ORTRA - Madail Marcelino Barbosa
8/6/93

- COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES
Convite para o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas
10/6/93

- MOVIMENTO ZLAN
VI Encontro Nacional do Movimento Zlan
11-12/6/93

- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
Desfile das Marchas Populares - 1993
12/6/93

- INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA
Debate sobre "Fiscalidade: Em benefício de quem?"
17/6/93

- DORL DO PCP
Colóquio sobre o livro de Alexandre Babo - Recordações de um caminheiro
18/6/93

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS
Lançamento do livro "Associativismo militar: Direitos e Restrições"
19/6/93

SAUDAÇÕES À A25A

– AGÊNCIA DE NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES IPS (PORTUGAL)
– ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE S. JOÃO DA CHARNECA
– ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DA VERDERENA
– ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO BARREIRO
– ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO DE VIDE
– ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO SEIXAL
– ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DEFICIENTES
– COMISSÃO COORDENADORA DOS CTS DA REGIÃO DE LISBOA
– JUNTA DE FREGUESIA DOS PRAZERES

OFERTAS FEITAS À A25A

- 1 PLACA COMEMORATIVA DO 19.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL
Oferta da Associação Sócio-Cultural da Almansil
- 1 MEDALHA
Oferta da Câmara Municipal de Alenquer
- 1 MEDALHA - HOMENAGEM A ZECA AFONSO
- 1 PORTA-CHAVES
Oferta da Câmara Municipal da Amadora
- 1 AZULEJO COMEMORATIVO DO 19.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL
Oferta da Câmara Municipal do Montijo
- 1 MEDALHA COMEMORATIVA DO 19.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL
Oferta da Junta de Freguesia da Ameixoeira
- 1 PLACA COMEMORATIVA DO 19.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL
Oferta da Junta de Freguesia da Venteira
- REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Oferta do n.º 36
- VÁRIOS DOCUMENTOS RESPEITANTES À LUTA CONTRA A DITADURA FASCISTA DE SALAZAR
Oferta do apoiante Rodrigo Gusmão
- CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO "LUÍS DE ALBUQUERQUE, O HOMEM E A OBRA"
Oferta da Biblioteca Pública
Pedro Fernando Tomás da Figueira da Foz

ASSOCIADOS FALECIDOS

– Manuel Rosendo
Sócio efectivo n.º 1981
– Joaquim Zacarias
Apoiante n.º 2137
– Américo Gonçalves de Sousa
Apoiante n.º 426

PEDIDOS DE REPRESENTAÇAO NAS COMEMORAÇÕES DO XIX ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PENICHE - (SESSÃO SOLENE)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SEIA - (CONVÍVIO)
- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SESIMBRA - (SESSÃO SOLENE)
- ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE OLHOS DE ÁGUA - (CONVÍVIO)
- ASSOCIAÇÃO PORTUGAL DE AMESTERDÃO - (CONVÍVIO)
- ASSOCIAÇÃO SÓCIO CULTURAL DE ALMANSIL - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALPIARÇA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE BRAGA - (INAUGURAÇÃO DE MONUMENTO AO 25 DE ABRIL)
- CÂMARA MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ - (SESSÃO SOLENE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOS - (DESCERRAMENTO DA PLACA TOPONÍMICA DA RUA SALGUEIRO MAIA)
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - (DESCERRAMENTO DA PLACA TOPONÍMICA DA RUA SALGUEIRO MAIA - (CAP. DE ABRIL / 1944-1992)
- CÂMARA MUNICIPAL DO MACHICO - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DO MONTIJO - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE MORA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE PONTE DE SOR - (DEBATE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE PORTIMÃO - (SESSÃO SOLENE)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SESIMBRA - (CONVÍVIO)
- CÂMARA MUNICIPAL DE SOR - (CONVÍVIO)
- CASA DO ALENTEJO - (CONVÍVIO)
- CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS DE FRANKFURT - (CONVÍVIO)
- CLUBE MILITAR NAVAL - (CONVÍVIO)
- CLUBE DE SARGENTOS DA ARMADA - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO COMEMORAÇÕES DO 25 ABRIL VILA DO PORTO - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO COMEMORAÇÕES POPULARES 25 DE ABRIL - SANTARÉM - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COM. 25 DE ABRIL - ALMEIDA - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COM. 25 DE ABRIL S. BRAZ DE ALPORTEL (CONVÍVIO)
- COMISSÃO POPULAR PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL - MONTIJO - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL - LEIRIA - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA DAS COM. 25 DE ABRIL - SEIA - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO PROMOTORA JANTAR COM. 25 DE ABRIL - GUARDA - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES DA CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES DA SOLISNOR/SETENAVE - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO DE TRABALHADORES DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS - (CONVÍVIO)
- COMISSÃO DE TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA - (CONVÍVIO)
- ESCOLA C+S DE ALFRAGIDE - (DEBATE)
- ESCOLA C+S DE PATAIAS - (DEBATE)
- ESCOLA PRIMÁRIA DA VOZ DO OPERÁRIO - (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA CIDADE UNIVERSITÁRIA - (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO - ALMADA - (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTE D. HENRIQUE - PORTO - (DEBATE)
- ESCOLA SECUNDÁRIA SÁ DE MIRANDA - BRAGA - (DEBATE)
- FEDERAÇÃO DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO - (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE ALCÂNTARA - (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE ALHANDRA - (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DE AVEIRAS DE CIMA - (DEBATE)
- JUNTA DE FREGUESIA DA BAIXA DA BANHEIRA/GRUPO DEMOCRATAS - (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DO LAVRADIO - (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE PAÇO DE ARCOS - (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DA PONTINHA - (SESSÃO SOLENE)
- JUNTA DE FREGUESIA DO PRIOR VELHO - (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE QUARTEIRA - (DESCERRAMENTO DE UMA LÁPIDE ALUSIVA AO T. COR. SALGUEIRO MAIA)
- JUNTA DE FREGUESIA DE SANTA JUSTA - (CONVÍVIO)
- JUNTA DE FREGUESIA DE TRIANA - ALENQUER - (DEBATE)
- JUNTA DE FREGUESIA DA VENTEIRA - (DEBATE)
- RÁDIO AZUL - SETÚBAL - (DEBATE)
- RÁDIO CLUBE DA MOITA - (DEBATE)
- SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS MUNICIPIOS DE LISBOA - (CONVÍVIO)

VAMOS APRENDER BRIDGE! (20)

Para esgotarmos o capitulo que temos vindo a analisar (as segundas vozes do respondente), falta-nos reflectir sobre a situação em que o parceiro do abridor possui mãos com apoio num dos naipes anunciados pelo abridor.

Será este, pois, o tema que nos propomos iniciar com este artigo!

Convirá ter presente que mãos com apoio num naipe anunciado pelo nosso parceiro, deverão ser avaliadas com a contabilização específica dos PONTOS DE APOIO (S), que resultam de se considerar, na DISTRIBUIÇÃO, as seguintes "mais valias":

- A existência de uma grande figura (A ou R) no naipe de trunfo deverá ser contabilizada como um Ponto de Honra adicional;
- Se detivermos **quatro ou mais** cartas no naipe de trunfo devemos considerar que os "singletons" valem 3 PD e as "chicanas" 5 PD;
- Caso tenhamos a certeza de que em "linha" possuimos nove ou mais cartas de trunfo, devemos acrescentar 1 PD, na valiação da força de apoio da nossa mão.

1 - "2.ª VOZ DO RESPONDENTE COM APOIO NUM DOS NAIPES DO ABRIDOR"

1.1-QUANDO O ABRIDOR ANUNCIOU UM JOGO FRACO

Se o abridor, após proferir a sua 2.ª voz, anunciou que a sua abertura se situava numa zona de força compreendida entre os 13 e os 15 pontos, casos de "rebides" em 1 ST ou da repetição do naipe de abertura sem salto, haverá que ter cuidados adicionais com a "criança" que temos entre mãos, dado que a saúde da mesma é algo frágil e qualquer excesso poderá comprometer o seu projecto de vida.

Nestes casos convirá não esquecer que para apoiarmos:

- Ao nível 2 temos que possuir 6-10 S
- Ao nível 3 temos que possuir 11-12 S
- Ao nível 4 temos que possuir 13-15 S

Se tivermos sempre presente esta tabela, evitaremos acidentes, que poderão ser fatais, no trajecto dado ao "neófito" delicado com que o nosso parceiro nos presenteou (uma abertura fraca).

Vejamos alguns exemplos, porque cada um deles vale mais que mil palavras.

Com a mão:

♠ 85
♥ RD73
♦ D1084
♣ 962

Se o "leilão" tiver sido:

1♦ – 1♥
1 ST –

Com os 7H não poderemos deixar de rebidar 2 ♦ pois, pelas razões anteriormente apresentadas, tendo o nosso parceiro uma mão com uma força entre os 13/15H, não podemos aspirar, nem arriscar, em pôr o jogo a um nível superior ao do limite de segurança que é, obviamente, o nível 2, e o "vazio" em ♠ não aconselhar o jogo em ST.

Se o "leilão" tivesse sido:

1 ♦ – 1 ♥
2 ♦ –

perante a repetição do naipe de abertura, indiciador de fraqueza, não restaria outra alternativa senão passar.

Se a mão fosse:

♠ A7
♥ RD73
♦ D972
♣ 984

Com o leilão:

1 ♦ – 1 ♥
1 ST –

Poderíamos optar por uma de duas hipóteses:

Recebidar 2 ST, declarando os nossos 11 PH, ou anunciar 3 ♦, dado termos apoio no naipe e "força" para falarmos ao nível 3.

Pessoalmente penso que a voz de 2 ST é bastante mais consistente dado que, a haver partida, ela só poderá ser em ST, estando excluída a possibilidade de 5 ♦ face à força existente na linha ser incompatível com um contrato ao nível 5.

É óbvio que com uma mão do tipo:

♠ A7
♥ RD73
♦ D972
♣ D98

perante o mesmo início de leilão:

1 ♦ – 1 ♥
1 ST –

haveria que concluí-lo com o anúncio de 3 ST, dado os 13 H que possuimos a isso nos obrigarem.

Se o leilão for:

1 ♥ – 1 ♠
2 ♥ –

Com a "mão":

♠ V1097
♥ R106
♦ D42
♣ D85

não lhe restará outra alternativa senão passar. Os seus 8H a isso obrigam!

Mas se detiver a "mão":

♠ DV97
♥ R106
♦ R532
♣ D9

anuncie 3 ♥. Com tal anúncio indicará claramente ao seu parceiro que, não só tem apoio no naipe de ♥ como também possui uma força de 11/12 PS.

É óbvio, de acordo com a regra que indicámos para regular o leilão face à força da nossa mão, que com o jogo:

♠ RV97
♥ R106
♦ A532
♣ R9

perante a repetição do naipe de ♥ por parte do abridor, deverá "saltar" para 4 ♥.

Os seus 15 PS a isso obrigam e a partida em ♥ será mais do que possivel.

O que dissemos ao longo deste artigo e os exemplos que apresentámos, procuram demonstrar a lógica simples do sistema natural que, quando correctamente aplicada, conduz, invariavelmente, a marcações muito próximas das ideais.

Espero que possa ter contribuido para uma reflexão do assunto e que a sua aplicação prática possa ser cada vez mais consistente e consciente.

Um abraço amigo do
Luis Galvão

(continuação da pág. 1)

Pedro, Túlio Espanca, Miller Guerra, Jacinto Baptista, Francisco Sousa Tavares, vieram ampliar o vazio numa geração que, na diversidade das suas opções ideológicas, se realizou porque viu cumprir-se um objectivo fundamental das suas vidas - a queda sem glória do obscurantismo estadonovista.

A vida é constante renovação. A cultura, como expressão da vida, também. As gerações sucedem-se e o património acumulado enriquece-se com novas aquisições que a criatividade humana vai sempre produzindo. Não será por aí que a geração que agora vai vertiginosamente desaparecendo ficará sem continuadores.

Mas a pretensa modernidade na visão do mundo e da vida, indicia uma rotura geracional. As personalidades que referi e muitas outras que as precederam na viagem final, interpretaram sempre a sua vocação cultural como componente indissociável do seu empenhamento político. O seu culto de valores essenciais à condição humana, dava por um lado conteúdo político à cultura, e por outro conteúdo humano à política. Daí um combate pela liberdade, pela dignidade, pelo progresso, pela justiça, que aliava a coragem à reflexão, a estética à mensagem, a inteligência à paixão.

É oportuno destacar o exemplo destas figuras, quando cresce a tendência para se entender a política despida de ideologia, reduzindo-a a uma fria manipulação de números, índices e estatísticas, alheia à natureza humana, afinal a sua única razão e objectivo. Esta desideologização da política, bandeira da nova classe tecnocrática na sua ambição de poder, está na origem do desencanto com que tantos intelectuais encaram a actual situação política, da frustração que resulta daquilo em que se transformou a esperança nascida com a mensagem de Abril, que parecia finalmente corresponder ao sonho que alimentara as suas vidas.

A concepção tecnocrática da política será porventura passageira, como tantas outras. Eventualmente ainda mais efémera, porque produto duma conjuntura internacional que começa a dar sinais de esgotamento.

Poderemos então voltar a ver as ideologias animarem a gestão da causa pública. E os nomes aqui invocados ressurgirão, como exemplos da paixão com que a política deve ser vivida, para que não degenere na simples administração duma sociedade anónima, sem identidade e sem alma.

Pedro Pezarat Correia